PERFIL BIOQUÍMICO DE GATOS EM TERAPIA PARA ESPOROTRICOSE

JÉSSICA PAOLA SALAME[1]; GUSTAVO SOARES FORLANI[2]; HAIDE VALESKA SHEID[3]; ISABEL MARTINS MADRID[4] ;SERGIANE BAES PEREIRA; MARCIA DE OLIVEIRA NOBRE[6]

[1]Universidade Federal de Pelotas– dassi.jessica@hotmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas– gustavo.forlani@hotmail.com
[3]Universidade Federal de Pelotas– haidevaleskasheild@hotmail.com
[4]Universidade Federal de Pelotas– imadrid_rs@yahoo.com.br
[5]Universidade Federal de Pelotas– sergiiane@hotmail.com
[6]Universidade Federal de Pelotas– marciaonobre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Amplamente distribuída pelo mundo, a esporotricose é considerada a micose subcutânea mais frequente na América Latina (NOBRE *et al.*, 2002). No Brasil, essa doença é encontrada acometendo humanos, cães, espécies silvestres e, principalmente, gatos, sendo considerada endêmica no estado do Rio Janeiro e Rio Grande do Sul (NOBRE *et al.*, 2002; MEINERZ *et al*., 2007).

A forma clínica mais frequente nos felinos são múltiplas lesões cutâneas associadas aos sinais extracutâneos (MEINERZ *et al*., 2007). A disseminação do *S. schenckii* no felino pode ocorrer por auto-inoculação ao se coçar ou lamber, podendo da mesma forma, o fungo ser introduzido em sua cavidade oral e unhas (NOBRE *et al.*, 2002).

As opções terapêuticas disponíveis para o tratamento da esporotricose felina são os azólicos cetoconazol e itraconazol, fluconazol, os iodetos de sódio e potássio, a terbinafina, a anfotericina B, a remoção cirúrgica das lesões, a termoterapia local. Os protocolos terapêuticos atualmente preconizados apresentam uma baixa efetividade (PEREIRA et al., 2009).

O objetivo deste trabalho foi avaliar repercussões sistêmicas através de avaliações séricas de perfil bioquímico de dois tratamentos antifúngicos em gatos com diagnosticados de esporotricose.

2. METODOLOGIA

Foram atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Pelotas, 20 gatos, na faixa de 2 à 6 anos, machos, com peso médio de 4Kg, SRD, todos semidomiciliados, com queixa principal de lesões ulceradas pela pele.

Os animais foram divididos em dois grupos conforme o tratamento utilizado, Grupo ITL (n=10) que utilizava 100mg/gato de itraconazol, via oral, 1x ao dia, e o

Grupo IOD (n=10) que utilizava 100mg/gato de itraconazol, via oral, 1x ao dia associado com Iodeto de Potássio 5mg/Kg, via oral, 1x ao dia.

Foram coletadas amostras de tecido das lesões e encaminhado para laboratório parceiro para biópsia cutânea e coletado amostras de swab para encaminhamento ao laboratório micológico, ambos para o diagnóstico de esporotricose. Foram coletadas amostras de sangue para mesuração de alanino-aninotransferase (ALT) e aspartato-transaminase (AST), Albumina, Creatinina, Ureia, Iodo, TSH e T4 livre.

Os animais fizeram acompanhamento das lesões com registro fotográfico, avaliação clínica, cultura micológica e exames séricos, cada trinta dias, desde o início do tratamento, até o final da terapia com cura clínica e após 30 dias do término da terapia. Os resultados foram submetidos a avaliação estatística e teste de Tuckey.

Este estudo foi submetido à aprovação pela Comissão de Ética em Experimentação Animal (CEEA) da UFPel com aprovação de número 8442-2015.

3. RESULTADO DISCUSSÃO

As amostras de tecido coletadas obtiveram diagnósticos micológico e histopatológico positivos para esporotricose no início do tratamento. Os valores séricos dos grupos podem ser visualizados na tabela 1.

Tabela 1– Média dos valores séricos de gatos em tratamento, com Itraconazol (Grupo ITL n=10), e tratado com Itraconazol e Iodeto de Potássio (Grupo IOD n=10) .

Grupos	*ALT U/L*	*Ureia U/L*	*Creatinina mg/dL*	*TSH mU/L*	*T4Livre mg/dL*	*Iodo µg/dL*
TL	2,3^{A}	9,1^{A}	34^{A}	1,1^{A}	0,8^{A}	2,5^{A}
IOD	2,4^{A}	8,8^{A}	38^{A}	1,3^{A}	0,9^{A}	3,8^{AB}

Letras semelhantes na mesma coluna, representam grupos iguais entre si (p› 0,05), quando comparadas as médias.

Existem poucos casos descritos com a utilização dos iodetos no tratamento da esporotricose felina e os resultados obtidos são controversos (Schechtman, 2010). O estudo que apresenta a maior casuística com iodeto de potássio, foi conduzido por Reis et al. (2012), no qual foram incluídos 48 gatos com esporotricose. Foi utilizado iodeto de potássio em cápsulas, em dose 20mg/Kg,

inferior a preconizada na literatura. O percentual de cura obtido neste estudo (48%) foi superior ao descrito previamente para o itraconazol (38%) (PEREIRA et al., 2010). Apesar da ocorrência de efeitos adversos clínicos (52,1%), estes foram reversíveis com a diminuição da dose ou interrupção temporária do fármaco. Treze animais apresentaram alterações das transaminases hepáticas classificadas como grau leve, as quais foram reversíveis com a diminuição da dose ou interrupção da medicação. Os felinos são sensíveis às preparações de iodetos e devem ser cuidadosamente monitorados em busca de evidências de iodismo, como depressão, anorexia, vômito ou diarreia. Em caso de intolerância, o fármaco pode ser suspenso temporariamente e reinstituído em doses mais baixas (NOBRE *et al*., 2002).

4. CONCLUSÕES

Nas condições deste estudo não há alterações sistêmicas de perfil bioquímico em gatos com esporotricose submetidos ao uso de itraconazol associado ou não ao iodeto de postássio.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barros MB, Schubach TP, Coll JO, Gremiao ID, Wanke B, Schubach A. [Sporotrichosis: development and challenges of an epidemic]. **Rev Panam Salud Publica**, 2010.

Lian L, Jiehao M, Chun H, Hua W. Experimental study of potassium iodide and itraconazole combination therapy of sporotrichosis. **Chinese Journal of Dermatology**, 2005.

Meinerz AR, Nascente Pda S, Schuch LF, Cleff MB, Santin R, Brum Cda S, et al. [In vitro susceptibility of isolates of Sporothrix schenckii to terbinafine and itraconazole]. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 2007.

Nobre M.O., Nascente P.S., Meireles M.C., Ferreiro L. [Antifungical drus for small and large animals]. **Ciência Rural,** 2002.

Reis EG, Gremiao ID, Kitada AA, Rocha RF, Castro VS, Barros MB, et al. Potassium iodide capsule treatment of feline sporotrichosis. **J Feline Med Surg.** 2012.

Pereira SA. Esporotricose felina: estudo terapêutico no Rio de Janeiro [Doutorado]. Rio de Janeiro: **Fundação Oswaldo Cruz**; 2009.
Schubach TMP, Menezes RC, Wanke B. Sporotrichosis. In: Greene CE, editor. **Infectious Diseases of the Dog and Cat.** 4 ed ed. Philadelphia: Saunders Elsevier; 2012.